

In David Mourão - Ferreira:
As palavras das coisas

Verba e o acidente

Só no último dia consegue uns minutos livres para a rápida visita a esse museu de que tanto lhe falaram. Passou mais de uma semana em Nova Iorque, e só na tarde do último dia aqueles minutos lhe pertencem. Ao sair do táxi, à porta do museu, sob mais um súbito aguaceiro de Primavera, pensa como é absurdo viajar desta forma, com o tempo inexoravelmente cronometrado pelos interesses da empresa para que trabalha.

Compra o bilhete de ingresso; deposita no vestiário o impermeável; apontam-lhe um ascensor: é a partir de cima que a visita se inicia. E, de lá de cima, começa por ter uma visão global da larga rampa espiralada por onde já neste instante principia a descer. Esta rampa em espiral, segundo lhe disseram, constitui precisamente o espaço destinado a exposições temporárias. Mas, como nem teve tempo de se munir de um catálogo, não chega a perceber se acaso são do mesmo «autor» ou de vários «autores» os heteróclitos objectos pendurados nas paredes, suspensos do tecto, amontoados no pavimento: grandes placas de alumínio torcidas pelo fogo, hélices e pneus quase de todo carbonizados, restos de aparelhos ou de instrumentos que terão sido de extrema precisão, deflagradas estilhas de enormes caixas ou contentores, malas esventradas de onde se evadem, aos farrapos, peças de roupa, sapatos, livros, discos, *dossiers*, que tão-pouco o fogo poupou e cuja forma só a custo se

reconhece. No modo como estes detritos se sucedem, se combinam e se respondem é que parece pulsar uma oculta intenção que, de momento, ele nem tenta saber qual é, muito menos aprofundar.

De quando em quando, do lado esquerdo da rampa abrem-se umas galerias onde se encontram expostos quadros e esculturas — «obras de arte» no sentido convencional que a expressão ainda mantém — que permanecerão, conforme também lhe disseram, ao fundo permanente do museu. De uma dessas galerias vê de repente sair uma rapariga loura, cujo dourado rosto redondo, misto de Sol e de Lua dourada pelo Sol, irresistivelmente lhe evoca alguém que há muitos anos conheceu. Também ela, uma vintena de metros à sua frente, desce agora a rampa em espiral; mas as outras pessoas que pela rampa circulam e, sobretudo, os incriveis objectos que no pavimento se amontoam (desta vez, uma sinuosa sucessão de pára-queadas intactos) vão-no impedindo de alcançar e de melhor confirmar então, voltando a vê-la de frente, a semelhança que tanto o impressionou.

Já para outra galeria se esgueira a cabeça loura que dir-se-ia oscilar como um girassol em cima do seu pedúnculo. E já no labirinto dessa galeria ele acaba estupidamente por perder-lhe o rasto, entre muitas outras cabeças que se detêm diante de nus de Modigliani ou de visionárias paisagens de Chagall. No entanto, ao retornar à rampa espiralada, basta-lhe assomar ao parapeito para a redescobrir, já lá em baixo, quase a atingir o piso térreo. Enquanto prossegue a sua descida, sempre cosido ao parapeito para não a perder de vista, compreende que ela não se dispõe a sair imediatamente do museu, que afortunadamente se encaminha ainda para o vestiário. E do vestiário sai, pouco depois, com um impermeável vermelho sobre os ombros e um saco de couro,

igualmente vermelho, a balouçar-lhe na mão direita. Mas é também de costas que nesse momento a vê, dirigindo-se para a saída. É só o tempo, por seu lado, de recolher o próprio impermeável, de logo a seguir se reencontrar no exterior do museu, novamente debaixo de chuva e defronte das árvores do Central Park. Mas nem sombra da rapariga loura. O mais provável é que tenha tido a sorte de logo apanhar um táxi.

Já neste momento se arrepende de tão irreflectidamente ter procurado segui-la. Acabou por ficar apenas com uma confusa imagem do museu. Não se lhe pôe, no entanto, a hipótese de lá voltar. Melhor será, antes de ir ao hotel buscar as malas, passar ainda pelo Bloomingdale's para umas compras de última hora. Como não aparece nenhum táxi e como a chuva agora parece abrandar, vai-se entretanto encaminhando para a mais próxima paragem de autocarros. O seu sumário conhecimento de Nova Iorque chega-lhe, apesar de tudo, para a esse respeito se orientar: se tomar um *bus* que o conduza, pela Quinta Avenida, até ao extremo sul do Central Park, a partir daí saberá desenvenilhar-se; e já nem estará, então, muito longe do seu hotel.

Recomeçou a chover com dobrada intensidade. Mas recusa-se, por capricho, a subir para a camioneta que faz o trajecto entre a vila e a praia. Irá sozinho; irá a pé. A irmã, a uma janela, grita-lhe ainda:

«Anda, sobei! Não sejas parvo!»

A Vera, já sentada ao lado da irmã, não se digna sequer olhá-lo. Nenhuma delas poderá adivinhar o que acaba de descobrir: que é horrível ter só catorze anos, enquanto a irmã e todas as amigas da irmã, sobretudo a Vera, têm já dezoito. Elas toleram a sua companhia, submetem-se à sua presença, levam-no a reboque porque os pais assim o exigem; mas ostensivamente se encerram,

entre sorrisos ou gargalhadas, em conversas e em conluios de que ele se vê sempre excluído. Com tais caprichos, bem o sabe, ainda mais delas se distancia, ainda mais a Vera fingirá ignorá-lo ou até mesmo o desprezará. Mas não consegue renunciar a esses estúpidos estratagemas, sempre e só com o fito de atrair as atenções sobre si próprio.

E a camioneta parte sem o levar. No mesmo instante chega o *bus*.

Durante o percurso — vindo, de um lado, as árvores encharcadas do Central Park e, do outro, impenetráveis fachadas de residências patrícias —, insistentemente continua a pensar na impressionante semelhança entre a Vera de há quase quarenta anos e a rapariga loura há pouco e só de passagem entrevista no museu. Ao mesmo tempo segue a pé, com os cabelos a escorrerem água, por uma estrada pedregosa, entre figueiras e casebres. Num e noutro caminho, é sempre o rosto da Vera que o acompanha, esse rosto que dir-se-ia a figuração humana de algum fabuloso astro, meio Sol, meio Lua, inteiramente insensível ao deslumbramento e ao sofrimento que provoca. Julgar-se-á a Vera uma deusa, só por ter subido, desde há meses, ao pedestal dos seus dezoito anos? Nenhuma outra das amigas da irmã, por mais odiosamente bonitas que sejam, parece ter consciência, como a Vera, de uma espécie de divindade que a simples idade lhe confere. É provável que até as outras a detestem.

O *bus* chegou, entretanto, ao ângulo do Central Park. Mas ele só consegue apertar-se mais adiante, quase de frente do Tiffany. Subitamente, a chuva cessou por completo; e há clareiras de um indizível azul entre os altos topos dos arranha-céus. Distraiu-se também com o espectáculo da multidão: já não sabe, ao certo, se enveredou pela Rua 57 ou pela Rua 58. De entre as raparigas e

as mulheres que vai cruzando (é claro que só repara nas que lhe parecem belas), quantas se terão apercebido, alguma vez, das terríveis infelicidades de que pode ser ou ter sido causa a sua beleza, quando não apenas a sua juventude? Quantas conhecerão a semente de infortúnio que terão lançado, que irão lançar, na alma de adolescentes que elas nem viram, que elas nem vêem, que elas nem sabem como as contemplaram ou como as contemplam?

A empresa para que trabalha «diz» empenhar-se, como não podia deixar de ser, em proporcionar, no seu ramo, várias espécies de felicidade. O partido político em que milita, no seu país, desde há cinco ou seis anos, também apregoa, no respectivo programa, como não podia deixar de ser, o propósito de varrer a infelicidade da face da Terra. Mas ele acaba de fazer uma descoberta tão radical como a que fez aos catorze anos: que não há empresas, que não há partidos, que não há programas nem decretos nem leis que possam algum dia eliminar o género de infelicidades em que vai pensando. E é como se dentro de si também tivesse deixado de chover; ou como se, entre os esboços de todos os arranha-céus que dentro de si transporta, também se fossem abrindo clareiras de um azul igualmente inútil, igualmente precário e para sempre silencioso.

Que lhe importam as compras no Bloomingdale's ou em qualquer outro armazém! Vai mas é entrar neste *pub* de evidente inspiração britânica, descansar um pouco e beber um *scotch* para intimamente celebrar a sua recente descoberta. O *pub* (chama-se mesmo «The Sunset Pub») apresenta uma sucessão de quatro salas; a última, pelo que já entrevê, é a que se encontra mais tranquila. Tão tranquila que apenas se divisa, ao fundo, a presença de uma mulher. Senta-se a razoável distância da relativa penumbra onde ela está imersa, mas de tal maneira que a possa contemplar à vontade, e de frente, quando ela se

decidir a retirar, de diante do rosto, as duas mãos com que segura a testa e a erguer os olhos do livro ou catálogo sobre que permanece inclinada.

E se aquela mulher...? Se ela retirasse as mãos de diante do rosto, se ela erguesse os olhos de cima do livro...? Não precisa de completar o que está a suportar, descobriu, entretanto, ao lado dela, sobre outra banqueta, um impermeável vermelho, um saco da mesma cor. Só lhe parece extraordinário que a coincidência de semelhantes reencontro, ao arrepio de todas as probabilidades, se verifique numa cidade como Nova Lorque. Mas o mais extraordinário ainda não é isto: é o triunfante sorriso que ela exhibe, ao erguer os olhos, como se infinitamente a divertisse o próprio facto de ali ser descoberta.

Não; não há dúvida que se parece, e do modo mais impressionante, com a Vera de há quarenta anos; ou pelo menos, com a imagem da Vera que ele afinal guardou ao longo de quarenta anos. Este mesmo sorriso de triunfo, neste rosto de Sol em que logo a três quartos se adivinha um perfil de meia Lua, quantas vezes na Vera o descobriu, quantas vezes na Vera isso mesmo o exasperou? Não se lembra, por outro lado, de mais ninguém cujas feições tão diversamente se alterassem com as mais subteis mudanças de luz ou de posição. Como se estivesse nesse instante a pressentir o que ele pensa, a rapariga loura, no outro canto da sala, move imperceptivelmente a cabeça em várias direcções, assim favorecendo que os seus traços diferentemente se iluminem.

De repente recorda o que afinal havia de mais exasperante nesse modo tão seu de se prestar, sorrindo ou nem sorrindo, à milimétrica mutação dos jogos de luz: era o gesto de mordiscar o lábio superior e de por fim o humedecer com a ponta da língua. De novo, ei-la executando o gesto que ele próprio acaba de evocar.

Daí por diante, não há gesto ou expressão da Vera que ele recorde e que não obtenha, de imediato, uma como que reprodução, ligeiramente trocista, por parte da rapariga loura que se encontra no outro canto da sala. O fenómeno torna-se de tal modo alucinante que ele se vai sentindo ora transido ora exaltado, tão depressa disposto a pôr fim à inexplicável experiência como decidido a prolongá-la para além de todos os limites. É então que lhe ocorre um episódio que julgava já ter esquecido e se lembra mesmo, nesse episódio, de um pormenor que não é fácil repetir ali.

Andaria a Vera, na altura, já pelos seus vinte ou vinte e um anos. Foi de novo na praia onde costumavam passar as férias. Foi a única vez em que teve a ilusão, por um instante, de que ela condescendia em atentar ao menos na sua presença. A Vera, nessa manhã, trazia sobre os cabelos um lenço de seda incrivelmente leve, quase uma gase que um simples sopro poderia dissolver. Ao vê-lo chegar, junto do toldo, com um panamá vermelho que na véspera estreará, pediu-lhe subitamente que lho emprestasse; e, colocando-o, então, sobre a própria cabeça, murmurou apenas: «É meu.» Ficou de facto com ele; mas, nos dias seguintes, e até ao fim das férias, quem ostensivamente passou a usar o panamá vermelho foi aquele odioso professor de ginástica, já casado e já com um filho, que tinha a especialidade de organizar, entre os banhistas, uns estúpidos campeonatos de voleibol — e de cuja intimidade com a Vera, semanas depois, toda a praia jubilosamente rosnava.

Como era possível ter pensado que se esquecera? Agora saboreava com amargor a recordação do episódio; e a rapariga, ali adiante, mantinha-se estática e suspenso, como que a dar-lhe tempo de reunir o maior número de pormenores. Depois, lentamente, puxou para si

o saco de couro; lentamente o entreabriu: e lentamente retirá, lá de dentro, um panamá vermelho. Mas, então, é num gesto brusco que na cabeça o enfiá; a seguir, noutro gesto igualmente brusco, já em pé, agarra com uma só mão o impermeável e o saco de couro, de roldão os arrasta através da sala e com tal ímpeto desaparece, em direcção à saída, que ele nem tem tempo de esboçar a mais ligeira reacção.

Só neste momento, aliás, um empregado vem atendê-lo. E já o empregado, depois de o atender, vai até à mesa onde ela se encontrava, para de lá recolher o volume que em cima do tampo tinha ficado aberto: parece, de facto, o catálogo de uma exposição; mas ele apenas consegue ler, na capa, em grossas letras, a palavra *Accident*. Reportar-se-á à exposição que tão rapidamente acabou de percorrer? No fim de contas, que importância tem isso? Tão-pouco vale a pena procurar explicações para quanto acaba de se passar.

O que mais o intriga, ou surpreende, é o caprichoso mecanismo da sua própria memória. A flagrância com que de súbito recordou determinados incidentes contrasta com a densa neblina em que muitos outros se conservam. Sabe que foram aquelas as últimas férias em que a irmã e a Vera terão convivido; sabe que ulteriormente, lá em casa, o nome da Vera deixou mesmo de ser mencionado; mas não sabe se ele próprio voltou ou não voltou a vê-la; nem em que circunstâncias, oito ou dez anos mais tarde, veio a tomar conhecimento da morte da Vera. Nessa altura, tão profundamente se teria enraizado, dentro dele, o furioso desejo de a esquecer que não chegou a dar — conscientemente, pelo menos — a menor atenção às causas daquela morte. Morta já ela estava, para ele, muito antes de ter morrido. Agora, no entanto, pergunta a si próprio se realmente estaria.

E detém-se nestas perguntas para não ter de colocar, também a si próprio, algumas outras bem mais inquietantes.

É com uma sensação de levitado alívio que toma o seu lugar, três horas mais tarde, no *Jumbo* que o levará a caminho da Europa.

Acaba neste instante de apertar o cinto. Já o avião se prepara para descolar. E de súbito reconhece, entre as várias «hospederias», a mesma rapariga loura que entreviu no museu, que a seguir reencontrou no *pub*. É ela quem avança, sem um sorriso, pelo corredor em cuja coxia se encontra sentado. Só agora, mais de perto, com a luz que lhe dá no rosto, se lhe afigura um tanto mais velha que a Vera de há quarenta anos. Mas é provável que ela estivesse mais ou menos assim na altura em que morreu.

Então, recorda, de repente — ao mesmo tempo que todo se esforça por não o recordar —, que a Vera morreu, afinal, num acidente de aviação.

1980